

Os programas produzidos por Júlio Gouveia começavam sempre da mesma forma: Júlio aparecia diante de uma estante de livros da qual retirava um volume e começava a lê-lo em voz alta. Quando se fazia necessário, antes de iniciar a leitura, falava sobre o autor e a obra em questão. Após a explicação vinha a leitura da história. À medida que lia, a ação se transportava para o(s) cenário(s) onde a trama se desenrolava. No final da transmissão, quando se tratava de um dos episódios da novelinha ou de O Sítio do Pica-pau Amarelo, Júlio voltava a ser focalizado pelas câmeras. Lia então as linhas finais relativas àquele episódio e, ao iniciar as referentes à continuação da história, interrompia e dizia: "Bem, mas isto já é uma história que fica para uma outra vez!" Quando se tratava de Era uma Vez... e Teatro da Juventude, ele lia as últimas linhas do texto original no qual a adaptação fora baseada e concluía: "E assim terminou a história, entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra!" Fechando o livro, recolocava-o na estante. (Foto 62)

Através desse processo tão simples, Júlio Gouveia mostrava à criança que todas aquelas histórias maravilhosas se encontravam nos livros. Segundo Tatiana Belinky, as histórias apresentadas nos vários programas "eram lidas por todas as crianças", pois estas desejavam conhecer o original e compará-lo com o que fora apresentado, reclamando mesmo quando "alguma coisa estava diferente na adaptação".⁽⁹⁾ Em outras palavras, isto promovia o livro e a leitura. O Pequeno Lorde, de Frances Hodgson Burnett e Pollyanna, de Eleonor H. Porter, tiveram, quando de suas adaptações para o vídeo, suas edições praticamente esgotadas. (Foto 63)

A força da imagem inicial de Júlio era tamanha que, por ocasião de um concurso realizado sobre O Sítio do Pica-pau Amarelo, entre os inúmeros desenhos enviados ao certame pelas crianças participantes, o que mais apareceu foi o de sua mão retirando da estante um livro. Em segundo e terceiro lugar é que vinham os desenhos de Emília e do Visconde de Sabugosa respectivamente.

Poliglota e conhecedora da literatura de vários países, Tatiana Belinky sabia onde encontrar as histórias para serem adaptadas. O princípio básico que a norteava era o da "literatura de boa qualidade (...) que não tivesse nada de impróprio para criança": "O impróprio éramos nós que resolvíamos - porque o Júlio era psiquiatra, psicólogo, sempre se interessou por educação, por criança... e eu por osmose, de certa forma, por amor às crianças e por me lembrar da minha infância com muita literatura, por saber o que me comovia, o que me fazia rir ou chorar."⁽¹⁰⁾ (Foto 64)

Falando sobre as diretrizes do trabalho que faziam, Tatiana acrescenta: "O que nos norteava era a idéia de fazer teatro educacional. Educacional no sentido formativo, não tanto informativo. Não era didático. Não fazíamos sermões, nem dávamos aulas, mas fazíamos um programa artístico, poético, lúdico, cômico, dramático, porém com um conteúdo ético, em que a criança, o jovem tirasse suas próprias conclusões. Não ensinávamos isto é bom, isto é mau, assim tem que ser. Não. Na linha do Monteiro Lobato, procurávamos dar uma abertura e uma capacidade crítica de ver, ouvir e analisar, não engolir nada sem mastigar. Assim como a D. Benta conta fábulas clássicas para as crianças e a Emília sempre faz a crítica da fábula. Ela não aceita a moral da fábula, geralmente. Por exemplo, quando conta a história da cobra que comeu o sapo, a Dona Benta diz no fim: a moral da história é 'fazer o bem sem olhar a quem'. Então Emília protesta e diz: 'Fazer o bem olhando muito bem a quem, eu não sou trouxa'. (Foto 65) Então, não era piegas, não era sentimental à toa. Era com realismo crítico, com senso de humor, com drama. (...) A criança gosta e precisa treinar as emoções. Precisa rir um pouco, precisa chorar um pouco, precisa sentir um pouquinho de medo. Tudo dosado. É como qualquer remédio: depende da dose para fazer bem ou mal. Era essa a idéia. Júlio era médico e educador..."⁽¹¹⁾

Naturalmente, contribuiu para a boa e eficaz realização desse trabalho a liberdade que ambos gozavam dentro da TV Tupi. Não havia vínculo contratual: o grupo era totalmente independente da emissora e o "contrato" estabelecido na base do "fio de barba".⁽¹²⁾ A Tupi apenas fornecia a verba para a produção dos vários programas, com a qual se efetuava o pagamento dos atores do TESP ou convidados especiais. Mesmo quando um dos programas ficava sem patrocínio, a emissora continuava a mantê-lo. Tendo a confiança da alta direção das Associadas, Júlio Gouveia e Tatiana Belinky escolhiam livremente as histórias que mais lhes interessavam.



(Foto 60) Adélia Vitória e Suzy Arruda em Estêre (21 e 28.3.1954). Teatro da Juventude - TV Tupi - São Paulo. Foto/Arquivo Júlio Gouveia / Tatiana Belinky



(Foto 61) Júlio Gouveia entra em cena e explica ao ator Felipe Wagner o sentido das palavras de Cristóvão Colombo. À direita, Rafael Colombeck (1957). Teatro da Juventude - TV Tupi - São Paulo. Foto/Arquivo Júlio Gouveia / Tatiana Belinky

(9) Depoimento de Tatiana Belinky ao IDART, São Paulo, 29 de dezembro de 1976.

(10) Depoimento de Tatiana Belinky ao IDART, São Paulo, 29 de dezembro de 1976.

(11) Depoimento de Tatiana Belinky ao IDART, São Paulo, 29 de dezembro de 1976.

(12) Depoimento de Tatiana Belinky ao IDART, São Paulo, 29 de dezembro de 1976.